

Notas sobre a trajetória filosófica de Michel Henry
Notes on the philosophical trajectory of Michel Henry

JANILCE PRASERES¹

Resumo: O artigo se foca sobre o percurso intelectual do pensador francês Michel Henry no contexto da produção fenomenológica.

Palavras-chave: Michel Henry. Filosofia. Fenomenologia.

Abstract: The article focuses on the intellectual journey of the French thinker Michel Henry in the context of phenomenological production.

Keywords: Michel Henry. Philosophy. Phenomenology.

Michel Henry nasceu em Haïphong, Indochina Francesa, atualmente correspondente ao Vietname, no dia 10 de janeiro de 1922. Seu pai era comandante da marinha em um posto na Indochina, acabou por vir a falecer após um acidente de carro quando M. Henry ainda era criança. Sobre seu pai declara que nada sabe, a não ser o que sua mãe relatava. Ao ser questionado por Roland Vaschalde acerca de sua vinda ao mundo no Extremo-Oriente, M. Henry responde que: “você observa que eu nasci num país distante. É o que me disseram (...). Para mim, eu nasci na vida, da qual ninguém ainda encontrou a fonte em algum continente” (HENRY, 2011, 215).

A mãe de M. Henry, por sua vez, era pianista e decidiu retornar a França a seguir à morte do marido, em 1929, acompanhada de seus dois filhos, M. Henry na época com 7 anos de idade. Com esse regresso à França a infância de Michel Henry

¹ Realiza, atualmente, o Pós-Doutoramento em Filosofia na Universidade da Beira Interior - UBI Covilhã - Portugal. Doutora em Filosofia também pela UBI (tese de doutorado aprovada com Distinção), título reconhecido pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2015), este mestrado foi reconhecido em Portugal pela UBI sob o registro 220230046936. Licenciada em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa. Investigadora do PRAXIS - Centro de Filosofia, Política e Cultura da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior (UBI), sendo também uma das organizadora do Grupo de Leitura e Discussão em Michel Henry, vinculado ao PRAXIS. Membro do Conselho de Consultores de Cadernos do Círculo fenomenológico da vida e da clínica - Universidade de São Paulo - USP. Membro da linha de investigação sobre Pensamento Lusófono no Centro de Estudos Globais - CEG da Universidade Aberta, participando do projeto História Global da Filosofia Portuguesa. E-mail: janilcesilva310@gmail.com

desenvolve-se na cidade de Lille em um ambiente familiar bastante intenso e marcado pela arte. A música fazia-se presente constantemente pela figura materna de M. Henry que tocava para ele continuamente. A esse respeito o filósofo nos diz que: “a música também escapa ao mundo. Ela nos atinge para sempre. Minha mãe, que se preparou para uma carreira de pianista antes de se casar, tocava para mim frequentemente. A emoção que eu experimentava, então, não passou” (HENRY, 2011, p. 216).

M. Henry teve ainda outros importantes encontros com a arte por meio da música, que o marcaram sobremaneira. Seu avô era maestro e diretor de Conservatório. Depois em Paris, mais precisamente no V^o *arrondissement*, M. Henry permanece rodeado pela arte, em especial pela música. Nosso filósofo terá sobretudo sido marcado por um elemento estético em sua vida e pensamento. Como resultado dessa confluência, desse encontro com a música no decorrer de sua vida ressaltamos o texto *Dessiner la musique: théorie pour l'art de Briesen*², publicado pela primeira vez em 1985, que depois veio a compor o terceiro tomo da obra *Phénoménologie de la vie*. No referido texto, M. Henry irá abordar a obra de August von Briesen e sua exploração pictórica de obras musicais, da transcrição da música para o grafismo. M. Henry ocupar-se-á dos trabalhos de Briesen na Ópera de Paris, em particular os desenhos sobre o Concerto para violinos - À Memória de um Anjo, de Alban Berg.

No tocante a filosofia, o espírito, a vocação filosófica de M. Henry aflora durante os seus estudos no *Lycée Henry-IV*, no qual tem a imensa contribuição de seu professor René Bertrand. O nosso filósofo guarda-lhe um reconhecimento especial pelas lições, que num primeiro momento afirmara terem sido inteiramente abstratas, mas depois entrara no mundo fascinante das ideias. O interesse pela filosofia só cresceu, vindo a tornar-se o empenho e dedicação exclusiva de M. Henry a classe superior do liceu e depois ao nível superior, para entrar na Escola Normal Superior.

² HENRY, M. *Phénoménologie de la vie tome III: de l'art et du politique*. Paris: PUF, 2004, p. 241.

No inverno de 1942-1943, na cidade de Lille, M. Henry dedicou-se a redação de uma memória sobre *Le bonheur de Spinoza*³, sob supervisão de Maurice de Gandillac, para aquisição do grau superior. “Ce travail, «[a été] préparé et rédigé en six mois dans l'étreinte de la guerre et la perspective d'un départ imminent pour les maquis», précise Anne Henry (qui deviendra son épouse en 1958)” (AUDI, 2006, p. 10)⁴.

Ainda no ano de 1943, M. Henry junta-se à Resistência, à qual seu irmão já se havia engajado. Assim que despontou a declaração de guerra, em 1939, seu irmão dirigiu-se para a Inglaterra num primeiro grupo de franceses. Este fato fora bastante marcante na vida de M. Henry, principalmente com a possibilidade e angústia de não ver o irmão regressar. Além de acompanhar estupefacto os seguimentos que eram tomados e o avanço do hitlerismo sem freio.

Durante a Resistência, M. Henry era conhecido pelo codinome “Kant” por andar sempre com a *Crítica da Razão Pura*⁵. Esta experiência da Resistência marcou-o profundamente em sua relação sobre a concepção da vida: durante todo esse período, “foi preciso dissimular o que se pensava e, mais ainda, o que se fazia. Graças a esta hipocrisia permanente, a essência da verdadeira vida se revelava para mim, a saber, que ela é invisível” (HENRY, 2011, 217). M. Henry declara, ainda que, “nos piores momentos, quando o mundo se fazia atroz, eu o experimentava em mim como um segredo a ser protegido e que me protegia” (HENRY, 2011, 217).

A vivência de nosso filósofo durante a Resistência e a clandestinidade também não poderiam deixar de o ter marcado em sua visão “político-ideológica” (HENRY, 2011, 217) os acontecimentos colocavam a história em primeiro plano, antes mesmo da existência, da fome e do medo, as vidas e morte dependiam a cada instante do que passava na história, a precariedade das condições de existência era sentida como interminável. “O mito da sociedade - Cidade grega na qual cada um encontra a realização de seu ser - recebia uma espera irreparável” (HENRY, 2011,

³ HENRY, M. *Le bonheur de Spinoza*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

⁴ “Esta obra «[foi] preparada e escrita em seis meses, em plena guerra e na perspectiva de uma partida iminente dos *maquis*», explica Anne Henry (que viria a ser sua mulher em 1958). Tradução nossa.

⁵ KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

217). O que se via e vivia era o temor da violência das armas, a tortura, a traição, a morte iminente. Ao final da guerra nosso filósofo separa-se de seus camaradas combatentes. No tocante ao viés ideológico, muitos de seus colegas aderiram ao Partido Comunista; outros com maiores esclarecimentos pressentiam o surgimento de novos totalitarismos.

Após o final da Guerra, Michel Henry retoma a sua dedicação à investigação filosófica: “-Eu passei pela agregação de filosofia em 1945 e retornei, com efeito, à investigação, decidido a encontrar, com efeito, o sentido da minha vida, exceto na praça pública” (HENRY, 2011, 218). M. Henry aceitou o cargo de professor em Casablanca (durante um ano). Descreve a classe com setenta alunos que assim como ele, também retornavam da guerra. Neste período relata: “eu redigi ali o meu primeiro livro sobre o corpo e Maine de Biran. É somente depois deste período feliz que as dificuldades materiais vieram. Renunciando quase sempre a ensinar, eu prossegui no isolamento durante dez anos” (HENRY, 2011, 218).

Temos, assim, em 1945, a meditação sobre o pensamento de Maine de Biran, que culminou na obra *Philosophie et phénoménologie du corps*⁶, publicada somente em 1965, mas terminada e escrita em 1948. Nos anos seguintes, Michel Henry prosseguiu com a redação da sua obra capital, *L'Essence de la manifestation*, que durou dez anos. “A experiência da solidão e da pobreza - mas constantemente sustentada pela escrita e motivada por ela - é, ao mesmo tempo, difícil, próxima da exclusão, e exaltante, porque você não tem mais ocupação a não ser o que lhe parece essencial” (HENRY, 2011, 218).

No período que compreende 1946 a 1960, o nosso filósofo, que se encontrava “en tant qu'allocataire de recherches à la Fondation Thiers, puis chargé de recherches au CNRS, M. H. enseigne au cours de cette période pendant deux ans seulement. Il se consacre pleinement à l'élaboration de sa philosophie” (AUDI,

⁶ HENRY, Michel. *Philosophie et phénoménologie du corps: essai sur l'ontologie biranienne*. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2003. (HENRY, Michel. *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. Tradução Luiz Paulo Rounet. São Paulo: Editora É Realizações, 2012.)

2006, p. 11)⁷. Durante algumas semanas do ano de 1948, o nosso filósofo escreve seu primeiro romance com o título *Le jeune officier*⁸, que será publicado em 1954, neste romance “il s'agit d'un conte philosophique sur le rôle du mal, qui reflète l'admiration que M. H. porte à l'oeuvre de Kafka et de Kierkegaard. Ce roman sera publié chez Gallimard en 1954” (AUDI, 2006, p. 11)⁹.

Longe do centro parisiense, afastado de todas as teses, que neste período, se concentravam na Sorbonne, a estabelecer assim um distanciamento tanto geográfico quanto um certo isolamento filosófico dos grandes movimentos teóricos e hegemônicos nas universidades, Michel Henry, em 1960, opta livremente por ser professor na Universidade Paul Valéry, em Montpellier:

de préférence à celui de la Sorbonne que souhaitait lui voir prendre Jean Hyppolite. Anne Henry explique: "*Plus soucieux de continuer sa recherche que de promouvoir son oeuvre, il avait préféré une institution aux obligations plus légères, située dans une région alors aussi belle que la Grèce et où il pouvait sans perte de temps pratiquer les sports indispensables à ses habitudes de travail. Refusant presque chaque année la possibilité de rejoindre la Sorbonne, il a exercé à Montpellier jusqu'à sa retraite en 1982*" (AUDI, 2006, p. 11).¹⁰

5

Já casado com Anne, em 1963, em Montpellier, Michel Henry termina a redação de *A Essência da manifestação* e apresenta-a perante o júri constituído por Jean Hyppolite, Jean Whal, Paul Ricoeur, Ferdinand Alquié e Henri Gouhier. Júri

⁷ “Como beneficiário de pesquisa na Fundação Thiers, depois pesquisador no CNRS, M. H. lecionou apenas dois anos durante este período. Dedicou-se inteiramente ao desenvolvimento da sua filosofia”. Tradução nossa.

⁸ HENRY, M. *Le jeune officier*. Paris: Editions Gallimard, 1954. (HENRY, M. *O jovem oficial*. Tradução Pablo Simpson. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.)

⁹ “É um conto filosófico sobre o papel do mal, que reflete a admiração de M. H. pela obra de Kafka e Kierkegaard. Este romance foi publicado pela Gallimard em 1954”. Tradução nossa.

¹⁰ Em vez da Sorbonne, que Jean Hyppolite queria que ele frequentasse. Anne Henry explica: “Mais preocupado em prosseguir a sua investigação do que em promover a sua obra, preferia uma instituição com obrigações mais leves, situada numa região tão bela como a Grécia da época, e onde pudesse praticar os desportos indispensáveis aos seus hábitos de trabalho sem perder tempo. Recusando quase todos os anos a oportunidade de entrar para a Sorbonne, trabalhou em Montpellier até à sua aposentadoria em 1982. Tradução nossa.

que M. Henry afirma ter tido uma recepção e acolhida calorosa, declara anos depois que:

A Essência da manifestação não é um começo, é o resultado de uma longa investigação. Os dez ou doze anos consagrados à sua elaboração foram seguidos pelos quatro anos do CNRS e, portanto, pela redação de *Filosofia e fenomenologia do corpo* que constituía, inicialmente, um capítulo. A dimensão do livro se explica pela insatisfação da qual eu acabo de falar. Husserl me tinha ajudado a definir o quadro fenomenológico de meu trabalho. O que eu não tinha encontrado nele - o reconhecimento da dimensão fenomenológica originária própria à vida transcendental -, eu a procurava em vão através da tradição filosófica ocidental. Isolando nela análises que me pareciam cruciais, eu mostrava cada vez a subordinação delas a uma mesma pressuposição fenomenológica (o que eu chamava, então, o monismo ontológico e que conviria melhor denominar um monismo fenomenológico) que ocultava o essencial. Daí a extensão excessiva (mas que teria podido crescer indefinidamente) de uma vasta antítese que ocupa mais da metade da obra. (...) *A Essência da manifestação* não teve nem precursor nem inspirador. É a razão pela qual sua redação foi tão difícil para mim. Quando foi preciso passar de todas estas antíteses para a tese, eu não dispunha de sistema algum de conceitualização nem de terminologia alguma apropriada ao que eu queria dizer (HENRY, 2011, p. 220).

6

O nosso filósofo não deixa a outros o trabalho de se exprimirem em seu lugar, mesmo depois de ter procurado em “todo” o lado a confirmação daquilo que nele fermenta e age. É em e por suas próprias “palavras” que teve que ver com clareza aquilo que procurava para alcançar e atingir os outros através de sua investigação. Aquilo que talvez lhe fosse tão pesado, queria ele que fosse leve: escrever a respeito do que é essencial, esvaziar as querelas inúteis, e colocar a Vida como emergente.

No ano de 1965, após a escrita de sua obra capital, Michel Henry prepara, como ele mesmo afirma, ocasionalmente, um texto para o uso de seus alunos que se organizavam e preparavam-se para as agregações. Uma de suas alunas fora indagada pelo júri acerca de uma passagem do livro que suscitou o espanto do júri (declarou ela a M. Henry), ainda assim ela foi aprovada. Após este acontecimento, nosso filósofo dedica-se à leitura e aos estudos sobre Marx (durante dez anos), dos quais resultou a preparação de um curso de agregação sobre:

L'Idéologie allemande, il découvre l'importance et la profondeur de l'auteur du Capital, ainsi que l'extension que sa philosophie de la réalité et de l'économie peut offrir à la phénoménologie de la vie. Il faut dire, par ailleurs, que «les voyages que M. H. avait effectués dans les pays communistes, Tchécoslovaquie, Hongrie, Allemagne de l'Est, l'avaient convaincu sans peine de l'échec de ce qui était a priori une initiative aussi neuve que catastrophique: fonder autoritairement une société sur des bases rationnelles sans se soucier des individus» (A. Henry) (AUDI, 2006, p. 11).¹¹

Das investigações sobre Marx resultaram ainda, outras coisas: se nos lembramos da “conclusão de *Filosofia e fenomenologia do corpo* que dava como tarefa futura a compreensão de Marx e do "materialismo" à luz da teoria do corpo subjetivo” (HENRY, 2011, p. 221). De tal forma que o corpo é o lugar em que se cumpre a “práxis” dos “indivíduos viventes”, concebida como subjetiva. Em 1976, temos a publicação dos dois tomos sobre Marx¹² e no mesmo ano, também pela Gallimard, M. Henry vem a lume com a publicação de seu segundo romance *L'Amour les yeux fermés*¹³, que ganhou o prémio *Renaudot*, “par de nombreux côtés, ce roman préfigure l'analyse du dévoiement de la culture que M. H. donnera onze ans plus tard sous le titre *La Barbarie*” (AUDI, 2006, p. 12)¹⁴.

O terceiro romance henryano, *Fils du roi*¹⁵, escrito em 1981, no qual Michel Henry coloca no nível da ficção a questão da imanência e da verdade da vida subjetiva absoluta por meio da história de um doente que, em um asilo de loucos, afirma ser o filho de um rei. Ainda nesta década, em 1983:

¹¹ Em *A Ideologia Alemã*, ele descobriu a importância e a profundidade do autor de *Capital*, bem como a extensão que a sua filosofia da realidade e da economia podia oferecer à fenomenologia da vida. É preciso dizer, além disso, que “as viagens de M. H. fez nos países comunistas da Checoslováquia, na Hungria e na Alemanha de Leste tinham-no convencido do fracasso do que era, à primeira vista, uma iniciativa tão nova quanto catastrófica: a fundação autoritária de uma sociedade sobre bases racionais, sem qualquer preocupação com os indivíduos” (A. Henry). Tradução nossa.

¹² HENRY, M. *Marx*. Paris: Tel Gallimard, 2009.

¹³ HENRY, M. *L'amour les yeux fermés*. Paris: Editions Gallimard, 1976. (HENRY, M. *O amor de olhos fechados*. Tradução Helena Brasão. Estoril: Principia, 2001.)

¹⁴ “Em muitos aspectos, este romance prefigura a análise do mau uso da cultura que M. H. dará onze anos mais tarde sob o título de *A Barbárie*”. Tradução nossa.

¹⁵ HENRY, M. *Le fils du roi*. Paris: Editions Gallimard, 1981.

M. H. se rend au Japon, au Centre de philosophie française d'Osaka, pour une série de séminaires et de conférences, invité par son traducteur, Yorihiro Yamagata. Durant ce séjour de trois mois, il commence à élaborer ce qui deviendra, en 1985, *Généalogie de la psychanalyse. Le commencement perdu*. Après son interprétation apologétique de Marx, M. H. prend pour objet d'analyse les deux autres grands maîtres du «suspçon» de la modernité: Nietzsche et Freud (AUDI, 2006, p. 12)¹⁶.

No seguimento desse espaço temporal, em 1987, Michel Henry concebe a análise da crise da civilização ocidental, fomentada pelos efeitos de ideologia dominante na época, em favor da hegemonia do saber científico, análise que culmina em uma obra de grande sucesso: *La Barbarie*¹⁷. Já no ano de 1988, nosso filósofo volta-se para o campo das artes, a exprimir seu amor pela música e pela pintura, sobretudo, em seu livro *Voir l'invisible sur Kandinsky*¹⁸, dedicado à sua apreciação da obra pictórica e teórica do pintor Wassily Kandinsky. Nesse livro, a obra do pintor de origem russa é analisada sob a dimensão cultural e espiritual, como um artista capaz de pintar o invisível, fugindo da representação característica da exterioridade.

Para Michel Henry, a surpreendente tarefa de pintar o invisível só é possível quando o artista desloca o ato criativo da fenomenalidade do mundo para a fenomenalidade da Vida. Dessa forma, os elementos da pintura, cor e forma, devem também emergir da vida invisível, já que “toda forma é uma força em si mesma e toda cor uma impressão, ela mesma interior, radicalmente subjetiva” (HENRY, 2005, p.90). A partir dessa concepção, M. Henry entendeu que toda grande pintura,

¹⁶ A convite do seu tradutor, Yorihiro Yamagata, M. H. deslocou-se ao Japão, ao Centro de Filosofia Francesa de Osaka, para uma série de seminários e conferências. Durante esta estadia de três meses, começou a trabalhar no que viria a ser, em 1985, *Genealogia da Psicanálise. O começo perdido*. Depois da sua interpretação apologética de Marx, M. H. toma como objeto de análise os dois outros grandes mestres da “suspeita” moderna: Nietzsche e Freud. Tradução nossa.

¹⁷ HENRY, M. *La barbarie*. Paris: Bernard Grasset, 1987. (HENRY, M. *A barbarie*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.)

¹⁸ HENRY, M. *Voir l'Invisible. Sur Kandinsky*. 2. ed. Paris: PUF, 2010. (HENRY, M. *Ver o invisível: sobre Kandinski*. Tradução Marcelo Rouanet. São Paulo: Editora É Realizações, 2012.)

mas de forma mais específica a pintura abstrata, funda-se exclusivamente sobre as “forças e impressões que correspondem às formas e às cores, as quais estão dispostas sobre o quadro em virtude do dinamismo emocional que expressam e não em função de significações objetivas” (HENRY, 2005, p.90). Vemos, também, nesta obra a significação da abertura da arte à corporeidade original e à afetividade transcendental do *si vivido*. Na década seguinte, em entre 1990 e 1996,

prenant acte de la chute du Mur de Berlin et de la nouvelle donne politico-économique qui s'instaure désormais en Occident, M. H. écrit en 1990 *Du communisme au capitalisme: théorie d'une catastrophe*, où il rejette pour ainsi dire dos à dos les deux «modes de production» dans la mesure où ils conduisent tous deux à la destruction de la dignité humaine. M. H. revient à la phénoménologie *stricto sensu* en publiant en 1991, *Phénoménologie matérielle*, recueil des textes où il s'explique durement avec Husserl. Il s'agit jusque-là de l'affirmation la plus vive de son ambition de renouveler de fond en comble la phénoménologie. Durant toutes ces années, M. H. connaît une activité intense de conférencier en France et à l'Étranger (AUDI, 2006, p. 13).¹⁹

Ainda em 1996, Michel Henry aborda um novo período de sua fenomenologia com a publicação de *C'est moi la vérité. Pour une philosophie du christianisme*²⁰, sobretudo, a respeito do *Evangelho segundo São João* que será objeto de atenção filosófica constante, na qual o nosso filósofo opera o aprofundamento da questão de fundo sobre:

le rapport immanent du vivant à la vie, pensé cette fois-ci en terme de «génération» du vivant par la vie. En septembre se déroule à Cerisy-la-Salle, sous la direction de Jean Greisch et d'Alain David, un très important colloque international consacré à M. H. et regroupant, en la présence du philosophe, une centaine

¹⁹ Em 1990, tomando nota da queda do muro de Berlim e da nova situação política e económica que se desenhava no Ocidente, M. H. escreveu *Du communisme au capitalisme: théorie d'une catastrophe* (Do comunismo ao capitalismo: teoria de uma catástrofe), em que rejeita os dois “modos de produção”, por assim dizer, na medida em que ambos conduzem à destruição da dignidade humana. M. H. regressa à fenomenologia *stricto sensu* com a publicação, em 1991, de *Phénoménologie matérielle* (Fenomenologia Material), uma coletânea de textos em que discute duramente com Husserl. Até então, era a afirmação mais viva da sua ambição de renovar a fenomenologia de alto a baixo. Ao longo destes anos, M. H. foi um conferencista intenso em França e no Estrangeiro. Tradução nossa.

²⁰ HENRY, M. *C'est moi la vérité: pour une philosophie du christianisme*. Paris: Seuil, 1996.

de participants de diverses nationalités. C'est l'occasion pour M. H. de mesurer directement la force d'impact et la rayonnement de sa pensée. 2000: Parution d'*Incarnation. Une philosophie de la chair*, qui complète la réflexion de M. H. sur la «vérité» du christianisme. L'enjeu du livre est, comme toujours chez M. H., strictement philosophique (il ne cesse pas d'être philosophe dans ses romans); il s'agit maintenant de montrer pourquoi et comment, en raison même de son immanence principielle, la chair est en son pathos la «Parousie de l'Absolu», dont M. H. avait commencé à nous révéler la teneur dans son *Hauptwerk*, paru en 1963, *L'Essence de la manifestation* (AUDI, 2006, p. 14).²¹

A sofrer com um mal incurável, nosso filósofo não teve tempo suficiente para realizar as correções das provas da sua última obra, *Paroles du Christ*²², vindo a falecer em 3 de julho de 2002, na cidade de Albi, em França.

Apesar de o nosso filósofo ter afirmado em uma de suas entrevistas (HENRY, 2011, p. 215) que se sente desfavorecido com a ideia mesma de uma biografia, é a partir da data dos primeiros textos e biografia de sua trajetória que dispomos do seu itinerário enquanto filósofo e romancista. Compreenderemos melhor seus conceitos e questões se entendermos primeiro o seu percurso filosófico e com quem M. Henry dialoga na tradição filosófica, ainda que de modo velado. À presença do pensamento de Mestre Eckhart, Descartes, Maine de Biran, Kierkegaard, Marx, Husserl, entre outros, é notável no percurso filosófico henryano e quando questionado a designar os precursores e inspiradores do seu pensamento e filosofia, Michel Henry é explícito e diz-nos:

²¹ a relação imanente entre o vivente e a vida, desta vez considerada em termos de “geração” do vivente pela vida. Em setembro, sob a direção de Jean Greisch e Alain David, realizou-se em Cerisy-la-Salle um grande colóquio internacional consagrado a M. H., com a presença de uma centena de participantes de várias nacionalidades. Foi uma oportunidade para M. H. medir em primeira mão o impacto e a influência do seu pensamento. 2000: publicação de *Incarnation. Une philosophie de la chair* (Encarnação: uma filosofia da carne), que completa a reflexão de M. H. sobre a “verdade” do cristianismo. Como sempre com M. H., o objetivo do livro é estritamente filosófico (ele nunca deixa de ser filósofo nos seus romances); trata-se agora de mostrar porque e como, em virtude da sua imanência principal, a carne é no seu pathos a “Parusia do Absoluto”, cujo conteúdo M. H. tinha começado a revelar-nos na sua *Hauptwerk, L'Essence de la manifestation* (A essência da manifestação), publicada em 1963. Tradução nossa.

²² HENRY, M. *Paroles du Christ*. Paris: Éditions du Seuil, 2002. (HENRY, M. *Palavras de Cristo*. São Paulo: Editora É Realizações, 2014.)

Se eu lanço um olhar retrospectivo sobre o conjunto de meu trabalho, parece-me que ele revestiu de um duplo aspecto. Por um lado, a elaboração destas pressuposições fenomenológicas fundamentais que definem a duplicidade do aparecer. Por outro, colocar em operação estas pressuposições e sua aplicação a diversos problemas ou a diversas filosofias: ao corpo (Maine de Biran), à economia (Marx), ao inconsciente (a psicanálise), à arte (Kandinsky), ao problema da cultura (*A Barbárie*), à fenomenologia husserliana (*Fenomenologia material*), enfim, ao cristianismo. A elaboração das pressuposições, seguramente, nunca está totalmente separada de sua "aplicação". Elas são contemporâneas no primeiro livro. A este respeito, apenas Maine de Biran me ajudou. Minhas outras obras são, sobretudo, a ocasião de verificar a fecundidade destas pressuposições. O último ensaio sobre o cristianismo foi exceção e prossegue a tarefa de *A Essência da manifestação* (HENRY, 2011, p. 220).

A trajetória filosófica de nosso filósofo implica um trabalho significativo de referências, que resulta na escolha rigorosa de um imenso *corpus* para dar conta de suas inquietações, reflexões e análises conceituais. Algumas das questões citadas acima, nas palavras do próprio Michel Henry, são trabalhadas em “duplo” aspecto, ou melhor, resultam numa duplicidade, numa dualidade, a exemplo o tema do corpo e da carne. De tal forma, que o aprofundamento da perspectiva cronológica mostra-nos o quadro em que se situa o pensamento henryano.

A tarefa arriscada de escolher o tema do corpo e da carne como uma das matérias centrais de sua filosofia, sobretudo de sua fenomenologia - material ou da vida, à qual alguns investigadores e tradutores nomeiam de Fenomenologia “invertida”, como a tradutora das obras deste filósofo para o idioma italiano, Carla Canullo. É, no entanto, esse desafio que Michel Henry procura cartografar no seio da filosofia de Maine de Biran, a fim de abrir horizontes que ampliem uma visão que vá de uma filosofia do corpo à uma fenomenologia da carne por um viés do corpo considerado como um corpo subjetivo. Poder-se-ia advertir, com efeito, que tal questão comparece, de uma maneira ou de outra, na história da filosofia, e deixa-se abordar, mais direta ou indiretamente, por diversos filósofos desde o mundo grego, que perspectivaram a questão o corpo desde diferentes pontos de mira, enriquecendo, sem dúvida, o seu sentido profundo.

Referências

- AUDI, Paul. *Michel Henry: une trajectoire philosophique*. Paris: Les Belles Lettres, 2006.
- HENRY, M. *Le jeune officier*. Paris: Editions Gallimard, 1954.
- HENRY, M. *O jovem oficial*. Tradução Pablo Simpson. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.
- HENRY, M. *L'amour les yeux fermés*. Paris: Editions Gallimard, 1976.
- HENRY, M. *O amor de olhos fechados*. Tradução Helena Brasão. Estoril: Principia, 2001.
- HENRY, M. *Le fils du roi*. Paris: Editions Gallimard, 1981.
- HENRY, M. *La barbarie*. Paris: Bernard Grasset, 1987.
- HENRY, M. *A barbarie*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.
- HENRY, M. *C'est moi la vérité: pour une philosophie du christianisme*. Paris: Seuil, 1996.
- HENRY, M. *Paroles du Christ*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.
- HENRY, M. *Palavras de Cristo*. São Paulo: Editora É Realizações, 2014.
- HENRY, Michel. *Philosophie et phénoménologie du corps: essai sur l'ontologie biranienne*. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.
- HENRY, Michel. *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. Tradução Luiz Paulo Rounet. São Paulo: É Realizações, 2012.
- HENRY, M. *Phénoménologie de la vie tome III: de l'art et du politique*. Paris: PUF, 2004.
- HENRY, M. *Le bonheur de Spinoza*. Paris: PUF, 2004.
- HENRY, M. *Entretiens*. Cabris: Editions Sulliver, 2005.
- HENRY, M. *Marx*. Paris: Gallimard, 2009.
- HENRY, M. *Voir l'Invisible. Sur Kandinsky*. 2. ed. Paris: PUF, 2010.
- HENRY, M. *Ver o invisível: sobre Kandinski*. Tradução Marcelo Rouanet. São Paulo: Editora É Realizações, 2012.

PRASERES, J.

HENRY, M. “Indicações biográficas: entrevista de Michel Henry com Roland Vaschalde”. Tradução Rodrigo Vieira Marques. In: MARQUES, R. V.; MANZI FILHO, R. (Orgs.). *Paisagens da fenomenologia francesa*. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2011, p. 215-220.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Submissão: 14. 09. 2023

/

Aceite: 31. 10. 2023